

The contribution of psychoanalysis to the understanding of psychosis in adolescence and to the issue of school inclusion of the psychotic subject

A contribuição da psicanálise para o entendimento das psicoses na adolescência e para a questão da inclusão escolar do sujeito psicótico

Andréa Garcia da Rocha

Programa de Pós-graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia,
Universidade Federal do Rio de Janeiro

andreaterapiaartistica@gmail.com

Recebido: 4/12/2019 Aceito: 8/12/2019 Publicado: 10/12/2019

Abstract. *This article looks at the contribution of psychoanalysis to the understanding of psychoses in adolescence and to the issue of school inclusion of the psychotic subject, from a case study of an adolescent with psychosis in the state education network of Rio de Janeiro. Case analysis in the light of psychoanalysis allows us to outline the effects of this practice on the construction of forms of social linkage, recognition and identity, within the space of transference, as well as creation of new modes of symbolic operation, through a think in images, whose figurability can be interpreted as a saying that seeks to elaborate the condition of the subject of the adolescent in question.*

Keywords: *Psychoanalysis. Psychoses in adolescence. School inclusion.*

Resumo. *Este artigo verifica a contribuição da psicanálise para o entendimento das psicoses na adolescência e para a questão da inclusão escolar do sujeito psicótico, a partir de um estudo de caso de uma adolescente com quadro de psicose incluída na rede estadual de educação do Rio de Janeiro. A análise do caso, à luz da psicanálise, permite esboçar os efeitos desta prática sobre construção de formas de enlace social, de reconhecimento e de identidade, dentro do espaço da transferência, assim como da criação de novos modos de operação simbólica, através de um pensar em imagens, cuja figurabilidade pode ser interpretada como um dizer que busca elaborar a condição sujeito do adolescente em questão.*

Palavras-chave: *Psicanálise. Psicoses na adolescência. Inclusão escolar.*

1. Introdução

Este artigo discute a contribuição da psicanálise para o entendimento das psicoses na adolescência e a questão da inclusão escolar do sujeito psicótico. Verifica-se o caso de Lia, uma adolescente, matriculada no 7º ano do ensino fundamental numa escola estadual do Rio de Janeiro, com o diagnóstico psiquiátrico de psicose e em atendimento psicológico de abordagem psicanalítica. Pretendemos a apresentação de Lia (nome fictício) e a descrição de alguns fragmentos de seu caso a partir da escuta da psicanálise. Em especial, o estudo parte da perspectiva do laço social e do envolvimento desse sujeito de linguagem no ambiente escolar. Este é um ambiente rico em oportunidades de operações simbólicas, de produções subjetivas e de enlacs transferenciais, relacionados às práticas de reconhecimento, de construção de identidade e de posicionamento dentro do discurso como laço social. A partir do caso em questão, propomos interrogar os possíveis reflexos sobre a inclusão escolar desse sujeito psicótico mediante seu acompanhamento clínico e escolar, tendo como medida a localização de seu modo próprio de ser sujeito e, sobretudo sujeito de linguagem no espaço das trocas sociais.

A constituição dos sujeitos psicóticos a partir do enlace social e das formas próprias de elaboração simbólica quer delirante ou a partir da fantasia sobre o real, dizem sobre um sujeito de linguagem que constrói e opera sentidos e discursos diante do mundo e do outro, sendo portanto a tônica principal de nosso estudo de caso. Esta abordagem permite verificar paradoxos entre discursos envolvendo os sujeitos psicóticos, por um lado, aquilo que este sujeito diz e elabora a partir de um conjunto de significantes próprios, muitas vezes conteúdo de um delírio que constrói certo enlace social como o modo próprio de operação de linguagem que dispõe, e, por outro, aquilo que se pode dele dizer, muitas vezes julgando a expressão do delírio como algo bizarro, sem razão ou sentido. Contradizendo este fato, a psicanálise aponta que todo delírio diz sobre a verdade do sujeito, se afastando de toda perspectiva ou discurso rotulante contrário a isso.

Saggese (2001), ao apresentar a questão sobre as psicoses na adolescência em "*Adolescência e Psicose*", insere a crise na adolescência dentro da crise maior relacionada a sociabilidade contemporânea envolvendo família e sociedade e que tem afetado esse sujeito nessa etapa crucial de desenvolvimento psíquico contribuindo para a intensificação do sofrimento psíquico e como fator para o desencadeamento de transtornos mentais entre adolescentes que levam a tentativas de suicídio, surtos psicóticos, abuso de álcool e drogas, eventos comuns assistidos hoje em nossa sociedade. Para esse autor, consiste na tarefa do adolescente integrar-se no campo sócio-simbólico, onde elabora para si um plano simbólico de identificações e significantes que o permite operar práticas subjetivas e intersubjetivas em resposta ao mundo no campo da sociabilidade. Em relação a esse conjunto de significantes com os quais o sujeito se habilita a operar no campo das relações e se vincula ao outro, existe uma alteração no mecanismo psíquico no caso específico das psicoses como uma estrutura do sujeito. Sobre isto, Lacan (1966), baseado no conceito freudiano de *Verwerfung*, traduzido como forclusão do significante do Nome-do-Pai - dito como o simbólico da Lei e da ordem no campo do Outro - considera que essa alteração resulta num

modo próprio de funcionamento do psiquismo e de defesa, do inconsciente e da linguagem e conseqüentemente nos modos de posicionamento perante a lei de ordenamento do real e ao enlace social. A posição subjetiva do sujeito psicótico demonstra uma falta desse significante da lei ou ordem simbólica que lhe permitiria um maior vínculo com a realidade e com o outro, produzindo alterações na maneira de se inserir na linguagem, portanto na rede de relações em seu meio social. *“Posição subjetiva em que o apelo ao Nome-do-Pai corresponda, não a ausência do pai real, pois essa ausência é mais do que compatível com a presença do significante, mas a carência do próprio significante.”* (Lacan, 1966, p. 563)

Quanto as práticas subjetivas e intersubjetivas em territórios escolares onde em muitos casos prevalecem os discursos *“psicopatologizantes”* e *“hegemônicos”*, tendenciando uma *“normatização”* dos modos de vida segundo os quais desvios, discursos delirantes e alteridades são intoleráveis e marginalizados, tudo isso contribui para a desintegração psicossocial de adolescentes sobretudo aqueles com suscetibilidade para desenvolverem quadros de psicose. Neste contexto, o estudo do caso Lia que apresentaremos brevemente neste artigo nos leva também a questionar as políticas da medicalização da infância e da adolescência, extremamente difundidas hoje como modo de ajustamento e apaziguamento afetivo do sujeito dito *“desajustado”*, sob pretexto de uma melhor adaptação às expectativas do meio social e escolar. Apostamos na intervenção da psicanálise a partir do campo educacional, tendo como base o próprio sujeito em sua singularidade, promovendo a *“desmarginalização”* do sujeito psicótico ao considerá-lo positivamente como alteridade entretanto construtora ao seu modo à inúmeras formas de inserção social e escolar. Nos propomos desse modo problematizar a maneira como ocorrem os enlaces sociais dos adolescentes psicóticos dentro do terreno escolar como campo do Outro, e dirigir o olhar para os possíveis caminhos em que a inclusão escolar se realiza sobretudo pela via do discurso, da palavra, da arte, do delírio e da transferência, como acontecimentos de enlace social onde o sujeito se constitui.

2. Desenvolvimento

2.1 Caso Lia

Lia é uma adolescente estudante de 15 anos com características peculiares que apontam para um quadro de psicose, com episódios de delírio e surto psicótico. As variações de humor com picos de agressividade e delírios marcam as primeiras crises psíquicas do tipo psicótica de Lia, com incidências de passagem ao ato. Como típica adolescente, Lia corporalmente e esbanja libido e sexualidade, isso se faz notar a partir de seu modo de se vestir e acompanhar as *“tendências”* do grupo identitário de sua idade, no entanto, observa-se pouca noção do esquema corporal, autocuidado ou consciência de si partindo da moça, nos dando a entender uma construção da imagem própria de corpo vacilante e incompleta. Esse corpo, sede das pulsões e da libido, se evidencia tanto no jogo da transferência, quanto no tema ocasional de seu delírio. Para destacar pontos relevantes ao caso, tendo em mira o seu processo de enlace social do sujeito através da linguagem e seus impasses, caminharemos a partir da noção lacaniana de *forclusão* do *“Nome-do-pai”*, daquele significante na base de sua constituição como sujeito que daria a possibilidade de amarração do real e de laço simbólico com o real, considerando-se ainda os modos como

Lia vivencia o Complexo de Édipo e a castração¹ e desenvolve suas defesas psíquicas e modos de estabilização próprios através da metáfora delirante.

“Para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai, verworfen, seja foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito. É a falta do Nome-do-Pai nesse lugar que, pelo furo que abre no significado, dá início à cascata de remanejamentos do significante de onde provém o desastre crescente do imaginário, até que seja alcançado o nível em que significante e significado se estabilizam na metáfora delirante.” (LACAN, 1966, p. 584).

Lia fora dada em adoção aos seis meses de idade para a atual mãe adotiva, que na época era muito jovem assim como o seu companheiro. O encontro entre as famílias se deu em ocasião de uma cobrança de dívida à família biológica onde a mãe e o pai adotivos conheceram Lia, um bebê de 8 meses. Este significante que remete a cobrança de um dívida e de Lia ser dada como moeda de troca, não literalmente, mas na circunstância desse fato, marca um ponto relevante na história biográfica dessa individualidade. Lia quando fora adotada encontrava-se numa situação extrema de desamparo e vulnerabilidade, despertando atenção dos jovens pais adotivos que a acolheram, mas sem levarem em conta a grande responsabilidade que estavam assumindo. Lia foi criada pelos novos pais até os quatro anos, depois houve a separação entre o casal e o distanciamento desse pai, que a filha tanto reconhece como tal e tanto reclama a presença. Por muitos anos Lia perdeu o convívio com ele, no entanto, o presentifica constantemente através do delírio e da fantasia em que expressa o desejo amoroso, dando sentido e retorno àquela relação de amor rompida e restaurando um laço que fora perdido outrora em decorrência da separação.

2.2 O sujeito de linguagem e o discurso delirante

Podemos encontrar através da escuta do caso um modo singular de discurso delirante ou de fala “descarrilada”, desordenada, que caracteriza bem o efeito daquilo que falta do significante do “Nome-do-pai” no processo da linguagem. Seguimos com Lacan (1966), em *De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses*, quando inclui as psicoses no campo da fala e da linguagem; distinguindo, no entanto, as psicoses das neuroses, no que tange a operação deste significante mestre na obra da linguagem. Notamos que Lia, embora inserida no campo da linguagem, e, portanto, no laço que envolve o Outro (o lugar da linguagem, a quem se dirige), o faz maneira muito peculiar. “É num acidente desse registro e do que nele se realiza, a saber, na foraclusão do Nome-do-Pai no lugar do

¹Complexo de Édipo é o termo utilizado inicialmente por Freud para explicar a dinâmica de desenvolvimento psicosssexual ocorrida desde a primeira infância, envolvendo a triangulação mãe-pai-criança e que irá determinar os modos de identidade sexual, de identificação e de relação com o objeto amoroso. O pai é o operador da castração, do corte necessário na relação de alienação mãe-filho (a), para que este ganhe autonomia necessária para constituir-se como sujeito. Quando a relação mãe-filha, como exemplificado em nosso estudo de caso apresentado, é marcada por intenso vínculo onde a filha é tida como objeto do desejo da mãe e não consegue fazer a separação para constituir-se como sujeito de desejo próprio, podemos identificar uma falha nesse processo de castração, onde a lei do pai não se inscreve de maneira satisfatória.

*Outro, e no fracasso da metáfora paterna, que apontamos a falha que confere à psicose sua condição essencial, com a estrutura que a separa da neurose.” (LACAN, 1966, p. 582). A falha desse registro simbólico em sua constituição psíquica ou *forclusão* desse significante “Nome-do-pai”, a condiciona a uma maneira de operar como sujeito psicótico através de seus delírios, cujo desafio é o vínculo com o real e o encontrar lugar no discurso através dos recursos de linguagem, entre eles a palavra, o delírio e a arte.*

Os sintomas se apresentam de forma distinta na fala de Lia, não metaforizados, como se em alguns momentos a sua fala estivesse situada como parte do próprio fenômeno da experiência, não há passagem e nem barra, aparecendo a palavra dita como algo vivido concretamente: o discurso é de fato um ato. O que se escuta desse sujeito não barrado, é uma fala solta, desvencilhada de um sentido, frouxa, sem nada que possa amarrar o buquê do significado, caracterizando uma falha no discurso pela ausência do significante mestre e de seu efeito metafórico, que confere uma direção a fala e permite a significação e a troca com outro.

Diante disso, Lia encontra saída através de seus delírios difusos e fantasias, envolvendo muitas vezes um pai imaginário, pouco real, que naquele terreno das produções psíquicas inconscientes convive e evoca a seu deleite a relação entre pai e filha. No terreno de sua imaginação, está sempre visitando o pai, dormindo na casa do pai e encontrando com ele, sem corresponder ao fato onde o pai é ausente. Outra de suas experiências onde falha a operação metafórica da palavra, Lia receia em se transformar em cobra ao dançar como uma mexendo sinuosamente seu tronco. Da mesma maneira, expressa um medo real de um jacaré modelado em argila mordê-la. Em sua realidade psíquica, onde as vivências reais não correspondem a realidade de fato, a boneca que embala em seu colo vira um bebê real que ela associa ao bebê de seu pai, e que desperta a fantasia de ser mãe real. Há ainda o sentimento de ódio que espontaneamente surge por um outro que é elemento do delírio e que a quer ferir a qualquer momento. Todo esse conjunto de vivências de Lia são tentativas de costuras de sentido e laço com o real, são construções simbólicas como tentativas de livrar-se daquilo que é invasivo demais ou não recalcado que lhe despertam conflitos irreconciliáveis e que precisam ser de algum modo admitidas. A exemplo dessas e outras falas nos aproximamos da ideia de que as falas são imagens, metamorfoses e não metáforas, onde palavras e imagens são as coisas mesmas. Comum a toda experiência de perda da realidade vivenciada na psicose, Lia relaciona-se com o outro e objetos de modo bastante peculiar, conforme descrito por Freud (1924) em sua obra sobre a perda da realidade na neurose e na psicose.

2.3 A metáfora paterna

Ao pensarmos a base estrutural do sujeito, na reconstrução da história de Lia, descobrimos que há um furo na passagem pelo complexo de Édipo que acompanha a sua não inscrição da metáfora paterna e a falta da função do pai designando o desejo da mãe. Impedindo, assim, o funcionamento de uma barreira fundamental entre a criança e a mãe, onde a menina é capaz de superar este lugar de objeto; de aprender a dar sentido a própria existência, se reconhecendo como sujeito de desejo, e, além disso, de ancorar sua libido no corpo, fazendo deste um todo-corpo erógeno. Estas seriam, para Darian Leader, em *O que é loucura? Delírio e sanidade na vida cotidiana* (LEADER, 2013), as três tarefas edipianas

fundamentais envolvidas nessa passagem pelo Complexo. No caso de Lia, estas três operações encontram-se comprometidas por falta dessa metáfora paterna ou ausência da função do pai (real e simbólico) no processo de castração, tornando-o, portanto, não conclusivo.

2.4 Corpo e passagem ao ato nas psicoses

Na experiência de Lia, assim como a fala, o corpo é também linguagem, dimensão imaginária do significante que, ancorado à exterioridade, comunica e atua, muitas vezes em forma de sintoma e de passagem ao ato, uma resposta crua ao real pelo real. A passagem ao ato como uma falta de mediação simbólica e por efeito da *forclusão* nas psicoses, representa a expulsão de um mal-estar no corpo a partir de atos impulsivos e violentos, flagrando a ruptura entre pensamento e ação, e da barreira entre eu e outro. No caso Lia, a relação conflitante entre mãe e filha provoca estados em que corpo e fala opera a mesma função, a fala é perdida e corpo vira ato, em episódios emblemáticos de surtos psicóticos. Em um desses, a adolescente avança sobre a mãe com sentimentos devastadores, tomada de fúria reage à ameaça advinda do real, no caso figurada pela mãe que pretende conte-la em sua “loucura enfurecida”, com um pedaço de vara. Tomada de pulsão não contida e numa luta pela separação eu - outro Lia derruba a mãe e é contida pelo padrasto. E na tentativa de livrar-se do elemento intruso e devorador (da boca aberta do jacaré na figura da mãe), a passagem ao ato confere à Lia o vislumbre da separação por vias abruptas entre mãe-filha. Além disso, a luta expõe a disputa pelo amor do pai ausente ou, quem sabe, quebrar com a suposta proibição imposta pela mãe em vê-lo.

As questões aqui subjacentes apontam para o problema da significação e de castração. Não há um norte, uma amarração de sentido e separação da relação entre eu - outro, mãe-filha, configurando os delírios e pensamentos ameaçadores de Lia. Além disso, a localização distorcida da libido no corpo faz dele algo percebido como fragmentado ou sob a ameaça constante de desintegração pela presença de uma ameaça. A percepção que se tem do próprio corpo é distorcida, conforme podemos verificar na Figura 1 a seguir.



Figura 1. O corpo e imagem percebida.

O desenho elaborado pela adolescente do caso em questão retrata uma imagem do corpo distorcida. Um dos sintomas da psicose aponta para uma percepção corporal destoante e representação inconsistente com a de um corpo na realidade.

Fonte: Desenho elaborado por Lia durante uma de suas sessões em outubro de 2019.

São frequentes os incômodos corporais, dores abdominais, enjôos, areia nos olhos e outras sensações estranhas, sentidas por ela como a exposta na fala: “sinto uma facada empunhada de fora contra o seu ventre”. Há, ainda, no entremeio de suas falas e incômodos a tentativa de simbolizar as mudanças corporais próprias da adolescência. A libido, encarregada do erógeno e manter a unidade corporal, fica muitas vezes localizada fora do corpo, ancorando-a na figura de perseguidor ou qualquer outra ameaça externa. A ausência da inscrição de um terceiro na relação eu - outro faz Lia sentir-se sempre perseguida ou próxima demais das imagens delirantes, isto é explicitado em experiências e falas como: “tenho medo do jacaré de brinquedo que morde de verdade”, ou “posso metamorfosear-se uma cobra ao dançar como uma”, ou “alguém quer lhe quer matar”, ou “tem um policial que a qualquer momento pode adentrar ao consultório”, ou “posso comparecer viva ao meu próprio enterro”, ou “dei a luz a um bebê de verdade, como meu pai”, “fui jogada na lata de lixo ainda bebê”, enfim, não há significante que barre o descarrilar de sua fala e produza amarração de sentido e que localize a libido no corpo de modo a estruturá-lo como lugar da fala, de desejo e gozante.

Notamos que essas elaborações delirantes se passam como defesas contra o próprio pavor da desintegração corporal ou como tentativas de laço de sentido com o outro e a realidade. O Outro sempre percebido no lugar da ameaça externa no delírio de Lia, sentimentos aqui projetados, nos dão a ver a falta por conta de uma não separação eu - outro, ou não barreira onde o próprio sujeito se percebe faltante, e que no delírio, a partir do retorno do real no real, isso é simbolizado. Na ausência dessa barreira e diante da falha na simbolização da experiência Lia precisa inventar novas formas de significar o mundo, localizar seu desejo, reconhecer a própria libido como experiência de unidade corporal e inserir-se no laço social.

2.5. Os fatores desencadeantes

Podemos ainda discutir no caso Lia, os fatores de base no desencadeamento das psicoses na adolescência. Um deles aproxima as intensas crises de identificações, vivenciadas nessa fase, com os fenômenos de rupturas com o real e fragmentação do eu nas psicoses. As crises apontam para trocas de identificações no nível do eu ou ideal do eu, onde se é convocado a comparecer como sujeito castrado e de desejo frente ao real, através de uma ordem simbólica, que nomeia e dá sentido, e que às vezes falha. Sob a base desses fenômenos está a própria estrutura do sujeito, o modo singular de se constituir frente a um outro e de responder as exigências da realidade. Faz uso, assim, de determinados mecanismos de defesa do mal-estar e da angústia, e que podem se configurar através da experiência radical de desenlace com o real e de rejeição dos limites da castração, como no caso das psicoses.

2.6. Discurso como Laço social

Entendemos discurso como a maneira a qual o sujeito coloca-se no jogo dos enlaces sociais se relacionando com os outros a partir de diversas formas de operação da linguagem. O discurso apresenta-se como diferentes atos ou modo de se se posicionar no laço social com o outro conforme a teoria lacaniana sobre as quatro formas de discurso: governar, educar, analisar e fazer desejar; isto é, o ato de governar como uma autoridade (mestre) ou ser governado através do discurso do poder sobre o outro, o de educar ou ser educado como um universitário através do discurso do saber sobre o outro ou objeto, o de psicanalisar como discurso do analista que se vê como causa do processo analítico do outro, e, por último, o de se fazer desejar pelo outro como discurso do sujeito histérico que é dominado pela interrogação sobre o desejo (QUINET, 2006). Deste modo, tomamos como solução para a inserção social do sujeito psicótico e como caminho possível de tratamento das psicoses as vias dos discursos e da linguagem, onde o sujeito é favorecido pelo encontro ou tomada de posicionamento dentro discurso através do reconhecimento do próprio desejo e do outro, como tentativa de enlace social que é tecido pela linguagem caracterizada tanto pela palavra, pelo ato, pela arte quanto por outras expressões do inconsciente. Todo enlace como processo civilizatório requer o trabalho com a própria libido, pulsão, desejo e gozo; tomando o discurso a forma como o sujeito se posiciona dentro das relações e inscrever-se no tecido social.

Isto implica também reconhecer os tipos de discursos que circulam sobre o sujeito psicótico. Sabemos que o discurso psiquiatrizante sobre o adolescente psicótico, que vem atualmente assolado o ambiente escolar e exigindo portanto um olhar cuidadoso tanto de educadores, pais e profissionais da saúde mental, tem gerado muitos impeditivos para que essa inserção se estabeleça. Os inúmeros rótulos caracterizados pelos discursos de verdade das ciências biomédicas e da psiquiatria tem se associado intensamente ao discurso capitalista, produzindo assim um saber sobre a cura baseado no consumo de psicofármacos e no tratamento do sujeito como objeto a partir de um conjunto de sintomas a ser categorizado e classificado segundo normas rígidas dos atuais manuais diagnósticos como o DSM-V e o CID-10. Contra esse imperativo, associados os discursos da ciência e do capitalismo, está a ética do desejo apresentada pela psicanálise baseada na clínica do sujeito e da subjetividade e singularidade no lugar do sintoma e da cura da doença, considerando que o saber é sempre não-todo sobre o sofrimento subjetivo.

2.7. Os desafios da inclusão escolar

O ambiente escolar como lugar das interações sociais pode oferecer Lia possibilidades de inscrição na ordem simbólica enquanto sujeito de linguagem. No espaço do convívio, é possível à Lia aprender a dar sentido ao mundo e a sua relação com o outro, aprender a localizar a libido no corpo e situar-se num lugar de fala, lugar das interações, portanto lugar de sujeito.

Mesmo através do delírio onde Lia costura sentido, suturando o rasgo entre o eu e mundo e restaurando o laço com o real, mesmo diante da perplexidade do mundo e diante da falha da função mediadora do simbólico, onde palavras se transformam em concretudes, por vezes avassaladoras, é possível aprender a ser sujeito de linguagem. Daí os grandes desafios que os ambientes de comunicação e linguagem onde circulam falas, saberes, afetos e discursos, tomam para si, mesmo sem se saber implicados. A escola, como um desses espaços, cria para Lia a condição de possibilidade de laço social e de posicionamento enquanto sujeito de linguagem e aprendizagem.

3. Conclusões

Embora ainda em andamento, o caso Lia nos permite verificar a contribuição da psicanálise enquanto campo teórico e clínico para o conhecimento sobre o sujeito psicótico, a partir da própria posição desse sujeito no mundo. Em seus desenhos, Lia “a menina que delira”, se interroga sobre a ordem simbólica e sobre o seu lugar nessa ordem; por exemplo, na família e na escola. O ato criativo permite a ela o enlace com o real; da mesma forma, possibilita a ela construir, ainda que distorcidamente, uma imagem de si mesma. Até aqui esses dois aspectos foram observados no âmbito da vida familiar e da vida pessoal de Lia, mas não propriamente no âmbito escolar.

O estudo do caso de Lia nos sugere o lugar da escola como significante da lei, da ordem e também da criação de outros significantes como o da liberdade e da autonomia do sujeito, que pode vir a funcionar como elemento importante de construção de simbolizações, auxiliando o ordenamento desse sujeito que tem que se ver com seus próprios limites e

significantes no processo de inscrição na linguagem. O laço social se constitui na medida em que o ambiente do convívio escolar é capaz de propiciar vivências, encontros e reconstruções de subjetividades; além de favorecer espaços de transferência e *filia*, análogos ao espaço transferencial da relação com o analista, nos quais o tratamento das psicoses se torna possível.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

- FREUD, S. (1924b/1980). **A perda da realidade na neurose e na psicose**. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN. (1966). **De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses**. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LEADER, D. (2013). **O que é a loucura. Delírio e sanidade na vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 2013
- QUINET, A. (2006) **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranóia e melancolia** (2ª. ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- SAGGESE, E. G. **Adolescência e psicose: transformações sociais e os desafios da clínica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2001.